

## ENTRE FIOS E LEMBRANÇAS: A COLCHA BRANCA COMO DISPOSITIVO PARA ACESSAR A MEMÓRIA

Simone Toledo de Oliveira Rodrigues  
UFSJ  
trecochiquemg@gmail.com

Josiane Nogueira  
UFSJ  
josy@ufsj.edu.br

Giovana Scareli  
UFSJ  
giovana\_scareli@ufsj.edu.br

### RESUMO

Este trabalho, recorte de uma dissertação de mestrado em andamento, inserido na área de Educação, propõe refletir sobre as peças de artes-manuais têxteis, afetivas ou produzidas em oficinas, como um dispositivo para acessar a memória de um grupo de mulheres idosas participantes do Programa de Extensão Universidade para a Terceira Idade. Compreendendo o envelhecimento como um fenômeno atual, evidencia-se a necessidade de criar territórios para pessoas idosas habitarem, considerando suas histórias, cultura e subjetividade. Uma das formas encontradas são os grupos de terceira idade e as atividades promovidas por programas como este. A imagem dispositivo escolhida – a colcha branca – foi o elemento central da análise. Nos inspiramos no conceito da cartografia, formulada por Giles Deleuze e Félix Guattari (1995) e posteriormente sistematizado por Passos, Escóssia e Kastrup (2015). Nessa perspectiva, o pesquisador assume o papel de cartógrafo para explorar o campo empírico e existencial da pesquisa.

**Palavras-Chave:** Cartografia; Memória; Artes-manuais; Dispositivo.

### PRIMEIROS PONTOS

O artigo aqui apresentado constitui um recorte da dissertação de mestrado, em andamento, cujo título provisório é *Entre costuras e bordados: histórias de mulheres idosas contadas em oficinas de artes-manuais*, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei (PPEDU/UFSJ), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Giovana Scareli.

O projeto consistiu em sete oficinas de artes-manuais têxteis, com as técnicas de bordado e costura, realizadas no âmbito do Programa de Extensão Universidade para a

Terceira Idade da UFSJ, que atende pessoas com 60 anos ou mais. O objetivo foi compreender de que maneira essas oficinas podem estimular as participantes a revisitarem suas histórias, compartilharem memórias e experiências, e fortalecerem sua participação em espaços de convivência, considerando suas histórias, cultura e subjetividade.

Propõe-se, neste texto, investigar como os bordados compartilhados e/ou produzidos nestas oficinas de artes-manuais têxteis funcionam como dispositivos para mobilizar memórias afetivas, ampliar possibilidades de habitar outros mundos e contribuir para ressignificar o olhar das participantes sobre a vida. Uma colcha branca, produzida pela avó de uma das participantes, apresentada em uma das oficinas, constituiu a imagem-dispositivo central desta análise, permitindo acessar narrativas, memórias e compartilhar experiências.

Compreender o envelhecimento como fenômeno atual implica reconhecer a importância de criar ambientes que promovam convivência e bem-estar. O conceito de velhice, segundo Cachioni (2003), não está mais associado a limitações ou aspectos negativos, mas valoriza a maturidade, a experiência e a possibilidade de viver com prazer, satisfação e realização pessoal. Nesse contexto, os grupos de terceira idade e atividades como as oficinas de bordado assumem um papel fundamental na promoção de um envelhecimento ativo e significativo.

O conceito de artes-manuais, segundo Nina Veiga (2021, p. 456), “[...] remete aos modos de existir no tensionamento entre a arte e os fazeres manuais. O hífen em artes-manuais reside na teimosia humana de unir arte e tradição em fazeres singulares”. Trabalhar com as mãos e com o corpo “[...] parece favorecer caminhos de percepção e consciência, de compreensão do lugar onde habitam as nossas próprias forças” (Ribeiro, 2021, p. 63). Ao tensionar arte e trabalhos manuais, os bordados e costuras representam modos de ser e fazer, carregados de memórias e ancestralidades, tornando-se mecanismos para acessar e compartilhar experiências subjetivas.

Conforme afirmam Kastrup e Barros (2020, p. 77), tais objetos “[...] desempenham funções importantes e definidas neste funcionamento”. De acordo com a autoras, sob a perspectiva de Foucault (1979), esses bordados podem ser compreendidos como dispositivos, pois são:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Kastrup e Barros, 2020, p. 77).

O dispositivo é, portanto, multilinear, formado por linhas de natureza diversa e subjetiva, entrelaçando elementos que incluem tanto a experiência do sujeito quanto o contexto histórico e social em que a peça foi produzida. Nesse sentido, os bordados das participantes dialogam com a sociedade do início da década de 1960, com os papéis atribuídos às mulheres, e com suas relações familiares e coletivas.

Inspirada metodologicamente pela Cartografia, formulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), em que o pesquisador atua como cartógrafo, explorando tanto o campo empírico quanto o território existencial da investigação, esta escrita integra recursos teóricos para compreender o bordado como dispositivo na perspectiva deleuziana.

## BORDANDO DISPOSITIVOS

De acordo com Deleuze (1996, p. 13) “Temos encontros com coisas, antes de os ter com pessoas”. Objetos, signos, dispositivos, que ao encontrarmos, tem o potencial de nos tocar, nos comover de alguma forma. Nas oficinas promovidas, nosso encontro se deu com peças de artes-manuais têxteis levadas pelas participantes, que representaram afetos, e a partir deles nos conhecermos melhor e compartilharmos histórias de vida.

**Figura 1:** Momento na primeira oficina.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

**Figura 2:** Momento na primeira oficina.



**Fonte:** Arquivo da pesquisadora.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

As duas fotografias acima registraram esses encontros: algumas pessoas reunidas em torno da mesa e uma variedade de peças costuradas e/ou bordadas por aquelas mulheres; outras, confeccionadas por pessoas queridas, herdadas e guardadas com carinho. Entre os trabalhos expostos estão toalhas de crochê, panos de pratos, bolsinhas feitas de retalhos, sapatos-meia em tricô, entre outras peças, todas capazes de mobilizar lembranças, afetos e narrativas de vida.

As peças compartilhadas naquele dia não representavam meros elementos materiais; eram portadoras de afetos, de histórias e lembranças capazes de abrir caminhos para o encontro e o compartilhamento. Nesse sentido, os bordados e demais peças têxteis atuavam como dispositivos, provocando a circulação de memórias e afetos entre o grupo. Um dispositivo foucaultiano ao articular objetos, afetos e práticas capazes de mobilizar e organizar a memória. Algumas dessas peças despertaram diferentes memórias e relatos, tornando-se catalisadores de encontros e narrativas.

Peças sobre a mesa, mulheres ao redor. Histórias sendo desenroladas como linha em carretel embaraçado. Nesse encontro, o foco estava nas narrativas das próprias peças: quem as havia tecido ou bordado? Como cada peça chegou às mãos de sua portadora? Que técnicas foram utilizadas?

Ora em conjunto, ora em pequenos grupos, as participantes se juntaram aos diálogos das peças emergindo falas que revelavam o papel da mulher na sociedade e as dificuldades de se libertar do lugar de submissão aos homens:

“Aprendi a costurar com a minha mãe, ela me ensinou várias técnicas de artes manuais. Na época que eu era criança, as coisas eram muito difíceis para as mulheres.”

“As mulheres eram submissas aos homens, eles sustentavam a casa, mas a máquina de costura ajudava muito.”

“A máquina de costura era a libertação da mulher.”

“Minha mãe era uma mestra, ela não tinha estudos, era muito sábia, uma artista.”  
Herdei o dom de costurar da minha mãe.” (Caderno de Riscos, 2024, n. p.)

Estas frases registradas no caderno de riscos da pesquisadora, durante o primeiro encontro, revelam reflexões sobre o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade, em muitos casos ainda marcado pela submissão. As lembranças evocadas as transportaram para um tempo em que seus corpos eram silenciados, em contraste com a voz ativa que hoje reivindicam. Essa realidade vivida e narrada por elas dialoga com diversos estudos que retratam a condição da mulher nos séculos XX e anteriores e suas lutas pela valorização e pela libertação da opressão masculina, misturando-se às histórias de tantas outras em suas dores, conquistas e vitórias, como observa Flávia Leme de Almeida (2010, p. 18).

As mulheres foram, durante um longo período da história, relegadas a cumprir apenas o papel de esposas, mães, donas de casa, sem ter a possibilidade de estudar ou seguir carreira. É relativamente recente a inclusão das mulheres no mercado de trabalho, o que anteriormente era disponível apenas aos homens: o da atuação fora do lar e do desenvolvimento intelectual.

Na primeira oficina, percebemos que a realidade das mulheres idosas participantes deste projeto se emaranhava no mesmo novelo e condiz com a realidade da sociedade brasileira da segunda metade do século XX. Esperava-se, nesta época, que as mulheres fossem exímias donas de casa e mãe, além de dominarem técnicas de artes-manuais têxteis, mesmo com estas qualidades valorizadas, as mulheres eram, muitas vezes, consideradas inferiores aos homens e estavam submissas aos seus pais e maridos.

Os fios de suas histórias se entrelaçaram, tal qual os fios que costuram os pedaços dos tecidos, formando uma peça, são pedaços de um mesmo tecido, fragmentados, recordados e costurados com a mesma linha que se repetiu em suas vidas.

Assim, considerando Foucault e o conceito de dispositivo interpretado por Deleuze como um novelo multilinear, percebemos as oficinas as linhas de força, fios que se entrelaçaram e:

[...] Pareceria que estas foram situadas nas linhas precedentes de um ponto singular a outro; de alguma maneira, elas “retificam” as curvas anteriores, traçam tangentes, envolvem os trajetos de uma linha com outra linha, operam idas e vindas entre o ver e o dizer e inversamente, agindo como setas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras, que não cessam de conduzir à batalha. A linha de forças produz-se “em toda a relação de um ponto a outro” e passa por todos os lugares de um dispositivo. Invisível e indizível, esta linha está estreitamente mesclada com outras e é, entretanto, indistinguível destas (Deleuze, 1996, p. 2).

Os fios se entrelaçaram com pontos singulares, seguindo trajeto que ora se encontravam, ora se afastaram, histórias de vida que se enredavam em diversos fios, como nas tramas tecidas e transformadas na colcha branca de Lílian.

## **A COLCHA BRANCA**

No segundo encontro, Lílian (codinome) levou uma colcha branca. Esta colcha foi exposta na mesa, e, ao despertar as lembranças mais profundas de Ivy (codinome), atuou como um dispositivo capaz de mobilizar memórias afetivas e ampliar as possibilidades de habitar o mundo sob outros sentidos.

**Figura 3:** A colcha branca.



**Fonte:** Arquivo Pessoal da pesquisadora.

Na imagem acima, um grupo de mulheres se reúnem em torno da mesa, segurando uma grande colcha branca ricamente trabalhada com bordados multicoloridos e acabamento feito na máquina de costura. A peça, carregada de valor afetivo, é manuseada com cuidado, enquanto diferentes expressões se revelam: algumas observam atentamente, outras conversam, apontam detalhes ou simplesmente percorrem a textura com as mãos, num gesto silencioso de apreciação.

Lílian nos contou a história da peça:

Fazia parte do enxoval da minha mãe, quem bordou foi a minha avó Guiomar mãe do meu pai. Minha mãe foi morar num lugarejo chamado Catiara, longe demais daqui e não tinha família lá, minha avó a acolheu como filha e as duas se davam muito bem. Muita coisa que a minha mãe fazia foi a sua sogra que ensinou. Minha mãe era de capinar, foi pra lá aprendeu costurar e bordar com minha avó. Essa colcha deve ter uns 65 anos (Cadernos de riscos, 2022, n.p.).

O tecido branco desta colcha é um campo onde memórias foram escritas, indo muito além das técnicas e criatividade impressas na peça. Ivy, ao ver e tocar na peça, nos contou:

Eu lembrei de uma colcha muito parecida com esta, na cama da minha mãe, o tecido era vermelho, bordado com muitas flores, não lembro exatamente o padrão. Recordo da cama arrumada, eu, ainda criança, debruçada sobre a cama e, encantada com os desenhos que se formavam, passava meus dedos acompanhando os detalhes. Esta

colcha não existe mais, acho que tenho uma foto minha na cama com esta colcha, não tenho certeza, se tiver, vou trazer. (Caderno de riscos, 2022).

Esta colcha é mais do que um objeto artesanal com memórias impressas, funcionou como um dispositivo que despertou uma memória de infância da Ivy que estava esquecida, apontando uma dimensão social, pois essa arte, confeccionada ora em colchas para camas, ora em toalhas de mesa, era comum nos enxovais das mulheres que se casavam no início da década de 1960. As duas peças são da mesma época.

Ivy apresentou sua foto:

**Figura 4:** Ivy aos 18 meses na colcha vermelha da cama de seus pais.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

A fotografia acima, em preto e branco, um pouco desbotada e manchada, datada manualmente como 4 de março de 1967, mostra a pequena Ivy aos 18 meses sobre a cama de seus pais, ao seu lado, uma boneca. A colcha que está sobre a cama é vermelha, bordada com motivos florais, parte do enxoval, comprado em 1960, pela mãe de Ivy para o seu casamento.

A fotografia abaixo, atual, é uma toalha de mesa, comprada na mesma época da colcha e fez parte do enxoval da mãe de Ivy, que herdou esta peça.

**Figura 5:** Toalha de mesa herdada por Ivy.



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora.

A fotografia acima é uma toalha de mesa, retangular, com as bordas recortadas, bordado composto por flores multicoloridas, distribuído esteticamente sobre um tecido vermelho. Ivy nos contou:

Quando eu vi aquela colcha branca com os bordados florais e as bordas recortadas, imediatamente veio em minha memória uma colcha vermelha que cobria a cama de meus pais. Não me recordo qual era a minha idade na época, mas eu me lembro de deitar na cama e ficar admirando os desenhos e o vermelho intenso. Eu tenho uma toalha de mesa vermelha, no mesmo padrão da colcha, minha mãe me deu de presente, fez parte do seu enxoval para o casamento. Chegando em casa, eu procurei a minha mãe, mostrei a foto da colcha branca, pois eu poderia ter me confundido. Mas não, realmente existiu a colcha vermelha e ela tinha uma foto minha na cama com a colcha. Foi um momento gratificante recordar lembranças de minha infância com minha mãe (Caderno de riscos, 2024, n.p.).

Aqui temos um exemplo de como uma imagem assume um papel potente no resgate da memória. Seu significado transcende o valor material e de sua representação visual. No caso de Ivy, estabeleceu um elo entre o passado e o presente, reativando emoções que estavam adormecidas e estabelecendo um diálogo prazeroso com sua mãe.

## ARREMATAS

Concluimos que, a colcha branca, assim como as demais peças de artes manuais têxteis, afetivas ou confeccionadas, atuou como um dispositivo capaz de acionar a memória do grupo participante, mulheres idosas.

As imagens evocadas pelas peças, mobilizaram tanto lembranças de caráter individual, vinculadas às relações familiares e experiências singulares, quanto às memórias de natureza social, associadas a papéis de gênero atribuídos às mulheres, como a submissão às figuras masculinas, inicialmente ao pai e, posteriormente ao marido.

A prática das artes-manuais, de modo geral, eram realizadas pelas mulheres e estavam relacionados aos afazeres domésticos e encerrados em suas casas, eram feitos nos intervalos dos trabalhos domésticos. A produção era desvalorizada em relação às atividades remuneradas masculinas, ainda assim, elas relataram a importância da máquina de costura no sustento da casa.

As técnicas eram ensinadas no âmbito familiar, sobretudo entre mães e filhas, o que atribuiu às peças um profundo sentido afetivo. Muitas delas, mesmo danificadas, permanecem cuidadosamente guardadas, demonstrando o alto seu valor simbólico.

Por fim, à semelhança da colcha branca, diversas peças funcionaram como dispositivo e mobilizaram memórias afetivas, possibilitando novas formas de habitar o mundo, promovendo aproximações significativas entre as participantes e contribuindo para ressignificar sua própria experiência de vida.

Diante disso, reafirma-se a importância de promover espaços coletivos que favoreçam encontros de pessoas idosas, uma escuta sensível e ações com objetos do cotidiano que possam operar como dispositivos de memória e produção de sentido.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávia Leme de. **Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579831188.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de Universidades para a Terceira Idade. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003

DELEUZE, G. **O que é um dispositivo?** In: DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariana. Ed. Veja: Passagens. Lisboa, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Que é um dispositivo?** In: MICHEL FOUCAULT, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCOSSIA, Liliana da. **Pistas da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção da subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. 207 p.

RODRIGUES. Simone Toledo de Oliveira. **Caderno de Riscos**. São João del-Rei, 2024.

Veiga [Nina Veiga]. NICOLETE, Adélia. **Anais do I Congresso de Artes-manuais na Academia**. 2020. São Paulo/SP, 2021 Disponível em: <<https://www.artesmanuais.art.br/i-congresso-am-na-academia>>. Acesso em 11 abril 2024.